

## A tradição da hospitalidade, o sacrifício e a paternidade

Por Charles Lang\*

### Resumo:

O presente toma como pretexto e ponto de partido para a constituição de determinados referenciais que permitam pensar a paternidade e suas imbricações com a hospitalidade e o sacrifício. A etimologia de alguns termos, ou seja, o uso continuado de certas palavras, no decorrer dos séculos, e marcam as linhas invisíveis de uma tradição que se mantém viva na atualidade, e que pode nos revelar de que modo a paternidade tem se perpetuado e o que dela está sob o risco de desaparecer.

### Palavras-chave:

paternidade - hospitalidade - sacrifício.

“Hospitalidade” provém do latino *hospitalitate*, para designar o ato de hospedar; hospedagem; a qualidade de hospiteiro e, por extensão, o acolhimento afetuoso. Antigamente, a palavra *hóspede* tinha o duplo sentido de quem hospeda e de quem é hospedado. Hoje só significa a pessoa hospedada, aquela que recebe hospitalidade, que é recebida na casa de alguém, acolhida. *Hóspede* provém do latino *hospes* e era a pessoa que se aloja temporariamente em casa alheia, visitante; *hospite* era o senhor do estrangeiro, do hospitem, do propriamente estrangeiro, da pessoa que vem de outra terra. Hospitalidade, como derivando do latino *hospitalitas* é o ato de hospedar, de acolher afetosamente, e de *hospitem*, a qualidade, a disposição acolhedora de quem oferece hospedagem, de quem bem recebe hóspede.

Logo encontramos *host*, o hospedeiro, o generoso distribuidor da hospitalidade e o *guest*, o hóspede, que remontam à mesma raiz: *ghos-ti*: estranho, hóspede; também anfitrião (em particular alguém com quem se mantêm obrigações recíprocas de hospitalidade). *Host*, no inglês moderno, refere-se também ao servidor

---

\* Doutor em Psicologia (PUCSP), psicanalista (Membro da APPOA), professor no Curso de Psicologia da UNISINOS.

de computadores, e vem de (h)oste (inglês medieval, do antigo francês (anfitrião, convidado) e do latim *hospes* (raiz hospit-), convidado, anfitrião, estranho.

Encontramos em hospitalidade a raiz *per* ou *pit* (tanto nas palavras latinas como nas inglesas e portuguesas modernas) – tais em *hospital* e *hospitality* – que provém de *pot*, que significa “senhor”, “mestre” (*pot* é também potência, força, e está na raiz de *pater*, *dieu pater*, *jupiter*). *Ghos-Pot*, raiz composta, significa “senhor dos convidados, aquele que simboliza o relacionamento de hospitalidade recíproca (como no *gospodi* eslavo: amo, senhor, mestre. *Guest* (hóspede) vem de *gest* (inglês medieval, do antigo escandinavo *gestr*, de *ghos-ti*, que vem da mesma raiz de *host*).

Um hospedeiro é um hóspede, e um hóspede é um hospedeiro. Um hospedeiro é também uma hóstia – que primeiramente era a vítima oferecida em sacrifício, depois o pão consagrado, o corpo do Cristo na eucaristia – um pão. A relação entre o senhor da casa que oferece a hospitalidade a um hóspede, e o hóspede, que a recebe (do hospedeiro e do parasita no sentido original de companheiro convidado), já está incluída na palavra *Host* (hospedeiro). O *Host*, o hospedeiro é, ao mesmo tempo, aquele que alimenta como aquele que serve de alimento. *Host*, hospedeiro, hóstia, está também na raiz de *hoste*, de inimigo. No interior de *host* há esse sentido antitético do familiar e íntimo e do estranho e estrangeiro. O hospedeiro oferece comida ao seu hóspede, dá-lhe algo de si, sacrifica uma parte de seu patrimônio. Mas ele só o pode fazer por ter essa potência, por ter se autogerado. O que ele oferece não é o que recebeu ou o que sobrou e nem o deve a ninguém.

Ora, isso que é oferecido pode ser algo benigno ou algo maligno, tanto quanto o hóspede pode ser um amigo ou um inimigo (ou um parasita).

Parasita evoca o seu oposto aparente, não significando na ausência da contraparte. Não há parasita sem hospedeiro, ao mesmo tempo em que tanto parasita como hospedeiro se subdividem, revelam-se fendidos dentro de si, cada uma revela-

se – como a palavra *Unheimlich* – ela própria *Unheimlich*. *Para* (para-sita) é ao longo de, ao lado de ou próximo a, além de (incorretamente) semelhante a ou parecido com. Nos compostos gregos, *para* indica *junto a, ao lado de, ao longo, além de, injustamente, nocivamente, desfavoravelmente e dentre muitos*.

*Para* é um prefixo antitético duplo que significa, ao mesmo tempo, proximidade e distância, similaridade e dissimilaridade, interioridade e exterioridade, algo que está dentro de uma economia doméstica ao mesmo tempo em que fora dela; é também o próprio limite, a tela que é uma membrana permeável, conectando um dentro com um fora, confundindo um com o outro, permitindo que o fora passe para dentro, fazendo o dentro passar para fora, separando-os e juntando-os: uma coisa em *para* forma uma transição ambígua entre um e outro. Parasita, pois, vem do grego *parasitos*, ao lado do grão, do trigo, do alimento. *Sitos* está em sitologia, a ciência dos alimentos, da nutrição e da dieta. Um parasita era algo positivo, um amigo convidado, alguém que partilhava de sua comida, que se encontrava ao lado à mesa. Mais tarde, o termo parasita passou a significar um convidado profissional, um especialista em “filar” convites para jantar, aos quais jamais retribui.

Daí é que surgiram dois principais significados modernos para o termo parasita:

1. social: pessoa que habitualmente se aproveita da generosidade das outras, sem oferecer qualquer retorno (útil);
2. biológico: qualquer organismo que cresce, alimenta-se e se abriga num organismo diferente sem contribuir em nada para a sobrevivência daquele que o hospeda.

Assim percebemos esse curioso sistema de pensamento, linguagem e organização social implícito na palavra parasita. Parasita e hospedeiro são companheiros que compartilham a comida, por um lado; por outro, o próprio hospedeiro é a comida; sua substância, sua potência, seu poder são consumidos sem

recompensa. O hospedeiro pode, então, se tornar um *host*, a hóstia, a vítima, o pão consagrado na eucaristia (*eu*: bom; *charis*, graça, dom).

*Carestia* (do italiano *carestia*.) é a qualidade do que é caro, superior ao valor real, mas é também a escassez, a falta, a carência. Por isso o sacrifício. Só há sacrifício (a hóstia ou a vítima) onde há falta, carência. Se o hospedeiro é aquele que alimenta e que serve o/de alimento, ele também contém em si a relação antitética dupla de hospedeiro e hóspede, ao que se soma o duplo sentido de *host* (como presença amiga ou como invasor, o inimigo).

Se nos detivermos um pouco mais na acepção social do termo parasita, podemos perceber que, em nossas sociedades, há indivíduos que são, pela definição, parasitas. Pensemos nos presidiários, nos loucos asilados<sup>1</sup>, etc. Mas não são, tão somente, parasitas (no sentido biológico ou social) que poderiam ser simplesmente e justificadamente eliminados. Eles têm um outro sentido e utilidade<sup>2</sup>.

Aquele que hospeda oferece sua hospitalidade, sua casa, seu corpo ao outro, ao estranho, o estrangeiro. Por sua palavra ele transforma esse outro/estranho visitante num outro/familiar convidado. Acolhe-o, serve o/de alimento. Esse outro pode tornar-se um convidado, viver em comum, comungar, partilhar junto o pão, compartilhar. Mas esse outro pode querer nunca se tornar convidado e querer permanecer visitante ou hoste, inimigo, parasita.

---

<sup>1</sup> Temos a palavra hospício (do latino *hospitiu*.) que pode ser a casa onde se hospedam e/ou tratam pessoas pobres ou doentes, *sem retribuição, gratuitamente*, portanto, como o asilo de loucos, com retribuição ou sem ela. Um outro sentido para hospício é o de lugar onde se recolhem e tratam animais abandonados.

<sup>2</sup> No seminário que vem conduzindo (cfe anunciou no *workshop* realizado no mês de julho de 2001, no Rio de Janeiro) Derrida tem se dedicado ao tema da pena de morte, para mostrar justamente essa outra dimensão do parasita. Não mais como o inútil, como o aproveitador, mas o parasita como hóstia, como vítima, como sacrifício. Privamos homens de um valor incalculável – a vida (no caso da pena de morte) ou a liberdade (no caso do encarceramento), oferecemos vítimas em sacrifício para que nossas culpas e nossas des-razões sejam expiadas e uma certa ordem e harmonia seja restabelecida. Assim, com o sacrifício humano e através do sacrifício, podemos nos autojustificar, separarmos-nos de nossa crueldade pois ela está bem contida, separada, segregada na prisão ou no manicômio. Aquele que cometeu uma crueldade recebe uma outra crueldade. Não somos menos cruéis que aqueles que foram cruéis.

*Hostis* é a igualdade por compensação, aquele que compensa um dom por um contra-dom. *Host* está também na raiz de *hostil* (do latim *hostil*), o contrário, o adverso, o inimigo; também o agressivo, provocante. Hostilidade parece ser o exato oposto de hospitalidade, na medida em que *hostilizar* é tratar como a um inimigo, ter sentimento *hostil* contra, mover guerra contra, causar dano a, prejudicar. Mas o termo *hostilidade* guarda essa mesma relação interna que *hospitalidade*, ao opor-se-lhe: *hostilizar* é combater-se, agredir-se mutuamente. O hospedeiro não mais se oferece ao outro, mas volta-se contra si mesmo.

*Host* ainda nos reserva uma surpresa. A *hóstia*, o pão consagrado é antes a vítima, o sacrifício oferecido à divindade, ao Outro absoluto. Aquele que hospeda sacrifica algo, dá algo de si sem esperar retribuição. Por isso, o dom. Esperar algo em troca anula o dom. De acordo com a religiosidade judaico-cristã, o mundo foi criado perfeito (“viu Deus que tudo era bom”), encantador: o mundo tinha graça (*charis*), o mundo era carismático. Mas pelo pecado, pela transgressão, pela culpa dos primeiros homens, o mundo caiu em desgraça, perdeu a graça, e a vida tornou-se um caminho de dores e de trabalhos em direção à morte, o preço pelo pecado, pela transgressão. Mas a divindade, em sua infinita sabedoria, enviou seu filho, seu único filho (um filho que ele engendrou no interior de si) para que ele fosse sacrificado, se tornasse a vítima no sacrifício, para que a graça fosse restabelecida. O pai entrega o filho à morte, em sacrifício e, ao entregá-lo, entrega a si mesmo.

*Charis* é a graça, a graciosidade, a amabilidade, o favor; o *charisma*, o presente oferecido de boa vontade. Encontramos, ainda no grego, a palavra *charizomaí*, o mostrar favor ou bondade, dar como favor, ser gracioso para com alguém. Não é difícil perceber a intimidade entre a graça, o dom e a hospitalidade. Como se todas essas palavras fossem re-apresentações de um Mesmo, de uma certa disposição, de uma certa relação com o outro e com o Outro. Com o próximo, com o semelhante (com o familiar), mas também com o Absoluto, com o inominável, com o incontornável, com o destino (com o estranho).

A *eu-carestia* é o ato ritual em que se repete esse sacrifício, no qual a graça, mas também a carestia, possa repetir-se. O sacrifício guarda essa relação com a graça e com a carestia. Ele é o preço da graça, mas um preço muito caro, elevado, incalculável; um preço fora de qualquer economia possível. É isso que contém a palavra carestia. A noção de algo muito caro, ao mesmo tempo em que a falta, a carência, a ausência de um valor. Aquilo que é sacrificado só o pode ser (sacrificado) por não ter valor. No entanto, dizer que não tem valor já é calcular um valor, mesmo que nulo. Aquilo que é sacrificado, a hóstia, a vítima é incalculável, não pode ser pago por preço algum, não pode ser trocado por nada, escapa de todo cálculo. Por isso o dom. A hóstia, a vítima do sacrifício é oferecida como dom, em seu valor incalculável, sem esperar isso ou aquilo em troca – o que anularia o sacrifício.

As palavras que se formam da raiz grega *char-* indicam coisas que produzem bem-estar e, também, pertencem à família indo-européia de palavras que inclui o Alto Alemão *ger* (gula) e *Geier* (abutre); no inglês encontramos *greddy* (guloso). Assim, em *charis* encontramos também o excesso no qual o alimento, o sacrifício, o pão, a hóstia torna-se hoste, inimigo, hostil. Em que o bem-estar transforma-se em mal-estar, a hospitalidade transforma-se em hostilidade.

Em Abraão, o sacrifício dá-se com o filho, Isaque. Depois de tanto ter esperado, nasce seu filho. Mas eis que a divindade retorna, não ao meio-dia (a hora do sol escaldante e das miragens no deserto, a hora em que há menos sombras, espectros), mas à noite, durante o sono (como num sonho), e chama Abraão. Este responde: “eis-me aqui”. Esse é o pacto. Quando um chama, o outro responde.

A aliança entre o pai de Isaque e a divindade, materializada numa marca física (a circuncisão) precisa agora ser confirmada através de um sacrifício. A divindade pede a Abraão que tome o filho e caminhe por três dias até Moriá e lá entregue o filho, o único filho, o melhor de si, em sacrifício. Abraão levanta, pela manhã, e caminha com o herdeiro até o destino. O texto bíblico é lacônico sobre o que se passou na mente do pai durante os três dias. Não há profusão de detalhes, não há

descrição de estados da alma, não há uma voz interior discutindo consigo mesma. Abraão caminha em silêncio.

Na montanha, Abraão inicia os gestos finais, no que é impedido por um anjo (um mensageiro). Tradicionalmente, essa seria a prova de Abraão. Ele confiou em Deus, mostrou até que ponto poderia ir com Deus, o que faria junto com Deus, por Deus; nisso se consolida a aliança. Só se pode ir até o fim com quem nos acompanha até o fim, com quem não desiste, na metade do caminho, sob argumentos ou desculpas, ou sob a pressão de outros caminhos. Abraão não discute, não pede razões. Confia e caminha. Ele anda com Deus, agora Deus pode andar com ele. Ele foi até o limite, e Deus agora poderá acompanhá-lo, sempre que ele quiser ir além dos limites.

Deus assina, Abraão endossa, contra-assina. E vice-versa. Pai e Deus são cúmplices, aliados.

Derrida nos propõe uma outra leitura, no que o seguimos. A prova de Abraão não é o sacrifício, o dom, a entrega de um bem incalculável, de um valor inestimável. A prova não é hospedar o estranho, entregar o bem mais precioso, entregar o melhor de si, entregar a garantia de seu futuro na medida em que o filho é garantia de sua continuidade, de sua descendência. A prova não é abrir mão do futuro. Também o é tudo isso, mas tudo isso só é possível a partir do segredo, do secreto, do oculto, do separado, isolado, segregado. De um segredo sem conteúdo, sem sigilo, mas do segredo do segredo do pedido de segredo. Deus não precisa pedir segredo de suas visitas, de suas conversas, de seus acordos, de seus planos (como o de destruir Sodoma e Gomorra), de seus pedidos. Deus chega como visitante e Abraão o recebe como convidado. Isso é pacífico. Mas disso Abraão não partilha, não com-partilha, não divide com ninguém, não conta a ninguém. Sua relação com Deus é silenciosa, secreta, segregada, separada do mundo, e dos outros. Só há, nesse espaço oculto e isolado, Deus e Abraão, um homem e seu Deus. No que Deus e Abraão se tornam o Outro para os seus, o estranho para os familiares.

Somente é preciso pedir segredo quando não há mais segredo, ou quando o secreto já está ameaçado de divisão, de partilha. Aquele que confia algo a outro e lhe pede “não conte a ninguém, pois é um segredo”, está partilhando o secreto, dividindo-o, ao mesmo tempo em que está pedindo ao outro que não repita o seu gesto, que não conte, como ele contou, que não faça o que ele fez. Se fosse um segredo, não deveria, não poderia ter sido contado. Pedir segredo ao outro é já não mais estar nesse espaço do secreto. É dividir e transferir (para outro) algo que não conseguimos carregar e fazer com que, doravante, o outro o carregue em sua solidão, que ele mantenha unificado, isolado e oculto aquilo que já despedaçamos e dividimos partilhando. Abraão, após ouvir o estranho pedido do Outro, o pedido de um sacrifício, não divide com ninguém, não consulta ninguém, nem mesmo a velha senhora mãe do menino. E nem explica para o menino, justificando-se, o horror que está para cometer. O secreto é justamente isso: que não haja um terceiro entre nós dois.

Assim a hospitalidade, segredo, dom e confiança se articulam. Hospedeiros que se alimentam e se servem mutuamente, num segredo em que nada é preciso pedir e no interior, no íntimo do qual não há hoste ou inimigo que possa adentrar, cada qual dando ao outro aquilo que é de valor incalculável: um afiança o outro, um garante, segura, assegura ao outro (a confiança). Deus não seria Deus se não tivesse criado o homem. Só, Deus não seria Deus, mas um solitário des-graçado, sem alimento para dar e sem alimento a receber. Daí sua necessidade do homem, de encantar o homem (encanto (*carmen*), de onde provém charme, tem a mesma raiz: *charis*), engraçá-lo, fazer com que este o adore, admire, ame.

Do mesmo modo, reduplica-se a relação do Deus com o homem na relação do pai com o filho. O que são Deus e o homem assim também o devem ser pai e filho: hospitalidade, segredo, dom e confiança<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Sem nos esquecermos que o *pt*, em hospitalidade, é a raiz: poder, potência, força. E que está também na raiz de *pater*, pai, e de paternidade.

A paternidade, nesse sentido, não deixa de ser um dos primeiros nomes para isso que é inaugurado por Abraão, uma tradição da hospitalidade<sup>4</sup>.

## Referências:

BENVENISTE, É. (1969): *Le vocabulaire des institutions indo-européennes:1. économie, parente, société*. Paris: Minuit.

DERRIDA, J.(2000): *Dar la muerte*. Buenos Aires, Paidós.

---

<sup>4</sup> Conceder hospitalidade é um dever, reconhecido tanto no Antigo como no Novo Testamento. Era uma virtude patriarcal (Gn 18.3); estava prescrita na Lei (Lv 19.33,34); implicava responsabilidade pela segurança do hóspede (Gn 19.6 a 8); e a sua violação tinha mais importância que um caso meramente pessoal (Jz 19 e 20). Ser hospitaleiro é considerado um dever cristão (Rm 12.13; Hb 13.2; 1 Pe 4.9), mais especialmente no caso de um bispo ou um superintendente (1 Tm 3.2). As circunstâncias em que se achava a Igreja Primitiva tornavam os cristãos particularmente dependentes de tal auxílio.